

## II

### Intróito

#### Testemunho de T. Berry Brazelton

Há trinta anos fiz uma comunicação em Cascais, juntamente com Margaret Mahler, Erik Erikson e Jerome Bruner (o nosso Piaget, nos Estados Unidos). Essa intervenção era uma análise, ao segundo, do comportamento de apego entre bebés de dois meses e as mães, os ritmos que impunham, a imitação, e a forma como um influenciava o outro à medida que interagiam. Teve um grande êxito e constituía um exemplo da precocidade do apego e da sua importância, tanto para o bebé, como para a mãe. Após ter apresentado a minha comunicação, um jovem (com cabelo encaracolado e abas do casaco esvoaçantes) veio ter comigo e disse: «Doutor Brazelton, quero conhecê-lo. Chamo-me João Carlos Gomes-Pedro, sou pediatra aqui em Lisboa e quero aprender tudo sobre bebés e crianças pequenas. Posso ir trabalhar consigo?» Claro que disse «sim», e, desde então, temos sido excelentes amigos e colegas. Ele veio para Boston em 1981 aprender a Escala de Avaliação do Comportamento Neonatal.

Posteriormente, fundou um instituto de formação onde ele e os seus colegas formaram profissionais de todo o país. Ensinou-os a avaliar recém-nascidos e a demonstrar o seu comportamento aos

pais logo após o nascimento. Assinalámos e publicámos 800 artigos revistos por pares, dos quais muitos em conjunto com o Professor Gomes-Pedro, sobre a forma como estes dados mudam a imagem que os novos pais têm do seu bebé, e como os ajudam a moldar os seus cuidados em torno do seu comportamento, do seu temperamento e capacidade de resposta. Desta forma, a intervenção precoce permite que o bebé obtenha melhores resultados e ajuda os pais a cuidarem do seu bebé.

Observei a forma como o João Carlos e os seus excelentes colegas mudaram Portugal no sentido de alertarem o país para a importância dos recém-nascidos e para a relevância de ensinar os pais a observarem o comportamento dos seus bebés, à medida que aprendem a tornar-se os pais daquele seu bebé único.

O Professor foi o responsável pela organização de uma conferência em Lisboa que reuniu os principais investigadores do bebé e da criança na Europa e nos Estados Unidos. Esta conferência de vanguarda contou com a participação de cerca de 3000 profissionais oriundos de Portugal inteiro. Todos nós, nos Estados Unidos, sentimos que era uma das conferências mais importantes em que participávamos. Nenhum de nós a esquecerá.

Assisti à nomeação do Doutor Gomes-Pedro como director da Clínica Universitária de Pediatria da Universidade de Lisboa. Ele mudou a educação médica em Portugal, ao incluir na formação dos futuros médicos a importância da avaliação precoce e da interação, tanto com recém-nascidos normais, como de alto risco. Fez com que os alunos se apercebessem da relevância de trabalhar com os novos pais e a estabelecer uma relação de trabalho com eles desde o primeiro momento, como ajudá-los a observar, a interagir e a criarem apego aos seus bebés recém-nascidos desde o início. A investigação por si desenvolvida demonstrou os resultados marcantes que esta abordagem teve sobre estes bebés até uma idade tão tardia quanto os 12-13 anos de idade. O modelo que desenvolveu para a educação médica é algo que eu gostaria de ver adoptado em todo o mundo. Os pediatras em Portugal estão muito mais sensibilizados e apoiam muito mais os pais e as crianças do que no nosso país.

Em 2002, o seu grupo pediu-nos que formássemos um grupo de peritos médicos e de profissionais em assistência à criança baseado no nosso modelo de *touchpoints*. Os *touchpoints* são surtos previsíveis no desenvolvimento de bebês e crianças, que regridem sempre antes de iniciarem uma nova etapa de desenvolvimento. Passam por seis surtos de desenvolvimento no primeiro ano, três-quatro no segundo, e cerca três-quatro por ano, nos anos seguintes. Os pais também se deixam abater, e este é um período vulnerável. Se aqueles que apoiam os pais tiverem a oportunidade de estar disponíveis nessas ocasiões, podem sossegá-los dizendo-lhes que estas fases de regressão nas crianças são normais, pois permitem ganhar forças para o surto de desenvolvimento que se seguirá.

Assim, cada *touchpoint* torna-se uma oportunidade, tanto para os pais, como para as crianças sentirem que são resilientes e têm a capacidade de conquistar o mundo. Nos últimos anos, João Gomes-Pedro e o seu grupo formaram várias centenas de profissionais, tornando-os capazes de utilizar os conceitos de *touchpoints* no trabalho que desenvolvem em Portugal. Gostaria de poder aplicar o modelo de *touchpoints* utilizado por Gomes-Pedro em Portugal e criar centros de *touchpoints* em toda a Europa, América do Sul e Ásia.

Sinto muito orgulho no João Carlos e na sua brilhante carreira. Sinto orgulho em ser seu amigo e colega. Ele mudou um país inteiro, sensibilizou-o para a importância dos bebês e dos pais e, ainda, para a importância da identificação e intervenção precoce, para poder dar às crianças de Portugal um futuro brilhante. Ele é um modelo para o mundo!

Nota Editorial: Esta apresentação foi feita em 2010 pelo Professor T. Berry Brazelton, Professor Emérito da Harvard Medical School e Presidente do Brazelton Touchpoints Center.



### III

## Preâmbulo

*Da Ternura à Dignidade da Criança* é a viagem através dos afectos que começa quando se identifica paixão na noção de pensar a criança e sentir o bebé.

Esta será, também, a viagem para uma parentalidade assimilada.

Todos nós reconhecemos a expressão da ternura quando mãe e bebé entrelaçam um olhar mutuamente penetrante na impregnação de um estádio de superalerta reforçado em cada segundo que se partilha.

Os neurónios de imitação, já presentes no bebé, fazem expressar uma felicidade mútua que configura um dar a vez a cada membro da díade e, também, desejavelmente, a cada membro da tríade a que o pai pertence por direito próprio.

Pode ser o sorriso, numa boca e num olhar, que dá cumplicidade à interacção; pode ser um franzir de sobrolho ao mesmo tempo que mãos dadas, apertadamente, conjugam pressão com carícia; pode ser o acentuar de cada ruga da face balanceada nas palavras que emprestam música partilhada ao que sabemos ser a melodia do amor.

Na dinâmica da vinculação, conseguimos provar que o toque materno acontecido nas primeiras carícias faz repetir algo mais do que é a discriminação sensorial, mediada pela produção da ocitocina, hormona que induz toda uma avalanche de mensagens retroactivas

todas elas desencadeadoras de emoções que, por sua vez, potencializam a linguagem da paixão.

As fibras CT, que conduzem os estímulos sensoriais da pele até ao cérebro límbico, não são mielinizadas, o que significa que elas conduzem informação cinquenta vezes mais devagar do que as fibras A-Beta A-Delta. Isso significa que as fibras CT estão mais dependentes das sensações oriundas do toque leve, potenciando, porventura de modo mais significativo, o sentir, enquanto via sensorial do amor.

Serão estes, porventura, alguns condicionantes da ternura.

Toda a linguagem sensorial confere sentido ao humano, mas acrescentarei algo que muda o mistério da vida — não chegará ser humano; é preciso ser pessoa. Configuramos a epigenética do nosso mundo como algo que deva ser vivido num plural. Porém, tal como Buscaglia nos explica, o plural é tão-só o somatório sensorial da mente, do corpo e do espírito.

É a nossa pessoalidade que nos faz ser pessoa, que, por sua vez, nos encoraja a sermos felizes, que nos motiva a sermos responsáveis, personalizadamente, e que nos incita a vivermos com coerência, isto é, não só existindo, mas também experimentando totalmente o que nos faz sentido transmitir, quiçá, a cada um dos nossos próximos.

Na dedicatória escrita por Berry Brazelton no livro *Personhood — The Art of Being Fully Human*, de Leo Buscaglia, e dirigida à minha filha Joana, pode ler-se: «Espero que gostes muito deste livro; que ele te possa ajudar a alcançar o teu próprio potencial; lembra-te sempre que tu és especial para ti própria e para todos os outros que se cruzam contigo.»

Confúcio, que viveu entre os séculos VI e V a.C., já se interrogava: porquê a necessidade de tentar construir significados de nós próprios, porquê a necessidade exaustiva de criarmos esses múltiplos significados antes de ter em conta o tecer da teia que qualquer aranha sabe tão bem urdir?!

Um tapete só é tapete quando se dá por terminado o seu último ponto. Porque existimos, é fundamental reaprender a nossa condição na nossa pessoalidade, porventura, sempre inacabada.

Cada um de nós é alguém especial, que ajuda a construir a coerência de cada qual, também especial no seu modo de viver.

Cada personalidade pressupõe uma autodescoberta, um respeito próprio na vivência de cada um de nós.

Existe uma quase infinita distância entre o que somos e o que podemos ser. Direi que somos muito mais do que aquilo que podemos vir a ser.

A coisa mais bela que podemos experimentar é o mistério da nossa transcendência. A conduta de algumas religiões, que se salientam pela negativa, incoerência cujo exemplo mais repugnante é a pedofilia, tem levado muitos a identificarem-se com credos como o taoísmo e o budismo, no seio dos quais cada um desenvolve a sua auto-responsabilidade, condição para a dignidade da vida.

Nesta linha de reflexão, retomo o título deste meu livro — *Da Ternura à Dignidade da Criança* —, sendo certo que a ternura é a expressão dos afectos, enquanto a dignidade representa a exigência de uma personalidade intransmissível.